

EM ESPÍRITO E VERDADE

Luís Stadelmann

Introdução

A autocomunicação de Deus na Bíblia mostra como a revelação divina vem ao encontro dos seres humanos, não propriamente através dos elementos naturais, mas mediante acontecimentos históricos relacionados ao Povo de Deus, relatados nas religiões bíblicas. Nestes acontecimentos encontramos os fatos que objetivam a palavra divina e esta explica o significado dos fatos (*Dei Verbum*). Ao longo dos diversos estágios da História de Salvação ocorreram manifestações do desígnio de Deus relativas à felicidade do ser humano, “processo” este com raízes nos primórdios da criação, desenvolvendo-se na história antiga do povo de Israel, até atingir sua plenitude na vinda de Cristo à terra de Israel¹. Todas as tradições religiosas do Antigo e do Novo Testamento foram consignadas, por escrito, na Bíblia para serem comprovadas pela reflexão teológica, na liturgia comunitária, na meditação contemplativa, na pedagogia de inculcação dos temas da fé na mentalidade dos fiéis, pela pregação dos profetas preparando a vinda do Profeta. O objetivo precípua era e, continua sendo, desde então o conhecimento da revelação divina em plenitude, à luz da ação do Espírito e por mediação da comunidade eclesial.

Na pesquisa surgem vários temas que afetam os seres humanos em busca de pistas para descobrir o sentido da vida. Algumas envolvem critérios de utilidade e necessidades biológicas, psíquicas e econômicas do homem, enquanto outras abrem a perspectiva para o transcendente e para o encontro com Deus. Possíveis dúvidas sobre Deus, o Ser Absoluto Pessoal, não são sobre a existência de Deus, mas sobre sua natureza. Ora, o dado fundamental é que Deus é *santo*, concentrando em si mesmo a plenitude da perfeição. Daí que a religião rende a Deus louvor e adoração porque temos experiência de sua presença atuante na comunidade de fé. A Bíblia nos fala do culto prestado a Deus pelos samaritanos que “*adoram o (Deus) que não conhecem*”, segundo as palavras do próprio Cristo em diálogo com a mulher samaritana junto do poço de Sicar (Jo 4,22).

De forma análoga, Paulo apóstolo chamava a atenção dos atenienses (referindo-se à compreensão da religião e da fé no quadro universitário grego) para o fato de que “*vós adorais um deus sem conhecê-lo*” (At 17,23). Antes de entrarmos na pesquisa da temática a ser aprofundada, precisamos dar-nos conta de que a questão não gira em

1. A História da Salvação consta de três estágios: 1º) história salvífica universal: desde Adão até Abraão [cf. a “história dos primórdios” no Gênesis 1-11]; Abraão é o patriarca, de todos os que têm fé em Deus, e depositário da promessa de bênção salvífica para todos os povos [Gl 3,6-18]; 2º) história salvífica particular: o Povo Eleito sob a Lei Mosaica (história de Israel desde o Êxodo até a vinda de Cristo) [Gl 3,19-25]; 3º) história salvífica universal: Jesus Cristo revelado no Evangelho é o fundador do novo povo de fiéis a serviço do Reino de Deus visando à salvação da humanidade [Gl 3,26-4,31]. Cf. W.O. Piazza. *A Revelação Cristã na Constituição Dogmática “Dei Verbum”*. São Paulo: Loyola, 1986.

torno da existência de um Absoluto, mas em redor de sua natureza, a saber: se é espírito, se é uma pessoa, se é Criador, se é Benfeitor². É que nas religiões pagãs, a divindade confunde-se com as forças naturais, sob a lei férrea dos ciclos cósmicos, os quais arrastam consigo o destino da humanidade. Por outro lado, a religião dos samaritanos está baseada na revelação de Deus. Entretanto, a polêmica não se concentra na noção do sagrado, mas no engajamento em busca da plenitude.

A Bíblia dos samaritanos

As Sagradas Escrituras em uso nas sinagogas samaritanas contêm apenas a terça parte da Bíblia do Antigo Testamento dos judeus. A causa dessa supressão tão drástica do compêndio dos textos bíblicos do Antigo Testamento foi o cisma entre judeus e samaritanos³, em 128 aC, no final da guerra dos Macabeus (167-129 aC) contra os governantes do Império Selêucida, cujo objetivo era impor a cultura helenista secularizante e a religião pagã à população da Palestina. Os Selêucidas eram os herdeiros do Império de Alexandre Magno imperando sobre a Síria e a Palestina. Em consequência do cisma, os samaritanos não eram mais admitidos ao culto litúrgico no Templo de Jerusalém. Por isso, não havia a alternativa para assegurar sua identidade religiosa contra a cultura pagã dos sírios, a não ser reunir-se nas sinagogas, convertendo-as emergencialmente, em lugares de culto religioso, quando em verdade anteriormente eram meros centros de estudo e reflexão comunitária. Os textos bíblicos proclamados nas reuniões litúrgicas eram os cinco livros do Pentateuco, a *Torá*.

Por outro lado, os judeus usavam, e ainda usam até hoje, a Bíblia dividida em três partes: I. PENTATEUCO (Gn, Ex, Lv, Nm, Dt); II. PROFETAS: “anteriores” (*Livros históricos*: Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs) e “posteriores” (*Livros proféticos*: Is, Jr, Ez, 12 profetas); III. ESCRITOS (*Salmos e Livros sapienciais*: Pr, Jó, Ct, Rt, Lm, Ecl, Est, Dn, Esd, Ne, 1Cr, 2Cr). É de notar que alguns livros ainda estavam em vias de serem incluídos no cânon dos livros bíblicos do Antigo Testamento, por ocasião do sínodo rabínico de Jâmnia, pelo ano 95 dC, sem contar os sete livros (como constam na tradução grega da Bíblia), fora do texto hebraico (Jd, Tb, Eclo, Sb, Br, 1Mc, 2Mc).

Além disso, na adoção da escrita dos livros hebraicos da Bíblia houve uma inovação radical, aprofundando ainda mais a ruptura entre samaritanos e judeus. É que os judeus adotaram o alfabeto aramaico e sua escrita quadrada, aludindo ao formato das letras que caberiam dentro dum quadrado. Com efeito, depois do Exílio (535 aC), os habitantes da Palestina (judeus e samaritanos) adotaram como uso comum o idioma aramaico como linguagem falada, desde o período persa (539-331 aC), conservando, porém, para uso litúrgico, os textos bíblicos em hebraico. Tanto no culto dos samaritanos como dos judeus, era necessária a presença de ministros da Palavra de Deus que estivessem familiarizados com a grafia do alfabeto aramaico ou hebraico, respectiva-

2. Cf. J.M. Bochenski. *Diretrizes do Pensamento Filosófico*. São Paulo: Herder, 2. ed. 1964.

3. Cf. J. Margin. “Samaritain”, em *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, Tome XI, Fasc. 63-64A. Paris: Letouzey & Abé Editeurs, 1990, col. 762-773.

mente, para a leitura dos textos bíblicos. Competia ao pregador a tarefa de interpretar o conteúdo da respectiva leitura bíblica, explicando-a em aramaico.

Os samaritanos, por outro lado, conservavam a escrita do alfabeto paleo-hebraico, na versão original tanto dos textos pré-exílicos da Bíblia, como também dos manuscritos em folhas de papiro e das inscrições em cacos de cerâmica (óstracos).

Teoria do conhecimento

Ampliando o âmbito da problemática, o método do conhecimento impõe certas normas na abordagem e na comunicação dos assuntos escolhidos para sua compreensão e aprofundamento. Em conversa com a mulher samaritana, Jesus chamava atenção para o rito de adoração, em voga entre os samaritanos, mas desprovidos de conhecimento da natureza de Deus. Daí impõe-se investigar o método a ser seguido na busca do conhecimento⁴.

O melhor caminho para chegar ao saber humano é examinar aquilo que pensamos e falamos. Não basta repetir os ensinamentos que recebemos em casa ou na catequese; é preciso pensar no seu sentido para ser apreciado e vivido. Existem diversos níveis de saber que não criamos, mas herdamos. Em outras palavras: entendemos as coisas mediante o *conhecimento ordinário* ou do senso comum, no contato imediato da vida e nascido da convivência humana, sem ser moldado pela civilização ou pela religião. O *conhecimento mítico* procura desvendar o significado simbólico das coisas. O *conhecimento científico* está voltado a uma clara representação objetiva sem busca da transcendência. O *conhecimento filosófico* visa uma compreensão “total” do real, mas a partir da totalidade do sistema que o representa (existencialista, materialista, idealista, marxista, tomista, etc.). O *conhecimento da fé* abre a dimensão divina da realidade ao revelar-nos o sentido da vida como valor perene para toda a humanidade. Para chegarmos a um conhecimento esclarecido da revelação de Deus recorreremos à leitura da Bíblia que nos manifesta um paradigma da fé.

Conhecimento gnosiológico

Na abordagem dos temas da revelação divina na Bíblia é preciso ir além da intuição humana exclusivamente à luz da razão. Por isso usamos de maneira diferenciada o método do conhecimento baseado em critérios *gnosiológicos* (regras da epistemologia elaborada para as intuições humanas) e outro método especialmente adaptado para o conhecimento à luz do sistema religioso do antigo Israel e da Igreja Cristã. Importa salientar a diferença fundamental entre as religiões bíblicas e não bíblicas em busca do conhecimento de Deus. É que nas religiões não bíblicas trata-se da “intuição humana” que é determinante de todo o sistema religioso, ao passo que nas religiões bíblicas (Antigo e Novo Testamento) é a “palavra de Deus” que se impõe de forma determinante, superando, inclusive, os desvios naturais das paixões

4. A.R. Buzzì. *Introdução ao Pensar: o ser, o conhecer, a linguagem*. Petrópolis: Vozes, 4. ed. 1974.

humanas. Em outras palavras, a diferença está no enfoque: “homem falando de Deus”, ou “Deus falando ao homem”⁵.

Conhecimento soteriológico

Trata-se da realidade sobrenatural na visão global e integral da autocomunicação de Deus e compreensível à luz dos textos da Bíblia. Ora, na análise da realidade *sobrenatural* é preciso levar em consideração um conhecimento que o ser humano não possui nem pode adquirir por si mesmo. Isso implica aceitar a revelação de Deus, assimilando na mente o teor revelatório e a mensagem de salvação que os autores inspirados da comunidade de fé transmitiram nos livros canônicos da Bíblia. Daí, tudo o que foi revelado por Deus e consignado por escrito nas Sagradas Escrituras trata dos desígnios salvíficos a respeito da felicidade humana, desde a redenção do ser humano até sua transfiguração celeste. No entanto, o fator determinante não é uma aspiração da alma humana projetada para o mundo transcendente, mas consiste num dom sobrenatural concedido por Deus ao ser humano redimido. Esse dom é acessível à faculdade intelectual da alma humana, intuindo na contemplação infusa sob o influxo dos dons do Espírito Santo. É de notar, porém, que na pesquisa se valoriza tanto a análise literária dos livros sagrados como também a necessidade de desvendar a *mensagem salvífica*. Nesse estudo será de grande ajuda utilizar a metodologia exegética para entender a linguagem, o conteúdo e a significação do texto escrito⁶.

Os samaritanos desconhecem a Deus

O tema em discussão sobre os samaritanos que “desconhecem a Deus” se analisa a partir da epistemologia do *conhecimento soteriológico* com base na revelação divina, de que trata a Bíblia. O pressuposto fundamental é que a Bíblia seja uma edição completa de três partes constitutivas, sem eliminar uma ou duas dessas partes. No caso da Bíblia Samaritana estava em uso uma edição expurgada, constituída apenas do PENTATEUCO, excluídas a 2ª parte dos PROFETAS: “anteriores” (*Livros históricos*) e “posteriores” (*Livros proféticos*) e a 3ª parte dos ESCRITOS (*Salmos* e os *Livros sapienciais*). Era inevitável que disso resultasse uma lacuna no patrimônio religioso e no legado de fé sobre a revelação divina.

Quando os samaritanos omitiram a 2ª parte da Bíblia: os PROFETAS: “anteriores” (*Livros históricos*) e “posteriores” (*Livros proféticos*), abriu-se uma lacuna: faltou-lhes o relato sobre a meta do Povo Eleito ao entrar na Terra Prometida, após a saída do Egito. É esse o aspecto que se encontra nos *Livros históricos* da Bíblia. Trata-se da

5. Cf. W.O. Piazza. Op. cit., especialmente o Apêndice I, “Revelação e inspiração na história das religiões”, p. 90-96.

6. A chave hermenêutica da Bíblia consiste no emprego de vários métodos: p.ex. o *método histórico-crítico* analisa o texto como a expressão do autor inspirado, em circunstâncias concretas de sua época e de sentido diretamente intencionado; depois, estudando a fisionomia literária do texto, é necessário assinalar, em cada unidade, as partes que contêm elementos constitutivos de determinado gênero literário e a temática nelas explanada. Dada a diversidade dos assuntos, sua análise leva em consideração o conteúdo da teologia bíblica do Antigo Testamento bem como os temas da liturgia e da espiritualidade. Métodos complementares são utilizados na medida em que forem necessários, tais como, o *método sociológico*, e o *método de análise semântica*, etc.

narração sobre o desafio que o antigo povo de Israel tinha que enfrentar na configuração socioeconômica, sociopolítica e sociocultural dos habitantes dentro da conjuntura política da Palestina sob a hegemonia dos grandes impérios desde o final do II milênio até o final do I milênio aC⁷. Se os israelitas tiveram condições favoráveis à sua sobrevivência durante tantos séculos, era de se prever que no futuro teriam também boa chance de constituir comunidades de fé, em meio às mais diversas situações históricas da Antiguidade. É importante notar a intenção dos autores sacros da Bíblia de salientar o nexo entre o *Pentateuco* e os *Livros históricos*, quando relataram a continuidade entre a vida nômade no Êxodo e o reassentamento dos migrantes israelitas na terra de Canaã. Do ponto de vista da teologia bíblica do Antigo Testamento era preciso mostrar o impacto de dois princípios da religião: *Eleição divina* e *Aliança sagrada*, na existência do Povo Eleito. Visava-se evidenciar como a “palavra de Deus” enunciada no *Pentateuco* era comprovada por “fatos” nos *Livros históricos*.

Além disso, quando eliminaram os *Livros proféticos*, os samaritanos não se deram conta de que na edição truncada de sua Bíblia faltavam a perspectiva do Messianismo e a esperança na vinda do Profeta de Javé a serviço das massas, o que é essencial na tradição religiosa da Bíblia. Coube aos profetas de Israel a tarefa de orientar as lideranças da nação, tanto no Reino do Norte como no Reino do Sul de Israel, na organização político-social dos habitantes israelitas dentro dos moldes de uma comunidade ética. Volta e meia as profecias inculcavam as diretrizes e alertavam contra deturpações quando em Israel surgiram tentativas de implantar o sistema governamental semelhante ao dos governos de outras nações.

É importante notar o tema típico dos oráculos dos profetas vaticinando que o Messias haveria de vir na figura do “Servo sofredor de Javé”, o Messias-Mártir⁸. Não é só o profeta Dêutero-Isaías (Is 40–55), mas também o Trito-Isaías (Is 56–66) e Zacarias que associavam a mensagem de salvação aos arautos que apregoavam a iniciativa divina por intermédio de seu Ungido, termo técnico para designar a função do líder da comunidade de fé do antigo povo de Israel.

Finalmente, devido à exclusão dos *Salmos* e dos *Livros sapienciais* na Bíblia Samaritana, arrefeceu a vivência da fé na liturgia e esmoreceu a vitalidade das reflexões e das práticas pastorais dos fiéis. Sem esse dinamismo que resulta do fervor na oração e do engajamento num compromisso social, não é de admirar-se que os samaritanos vissem a desconhecer a Deus: “Vós adorais o (Deus) que não conheceis. Nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus”, segundo as palavras de Jesus dirigidas à mulher samaritana (Jo 4,22).

7. Entre os impérios do antigo Oriente Médio do I milênio aC tinham a hegemonia os seguintes: Assíria, Babilônia, Egito, Pérsia, Grécia helenista, Roma.

8. Os quatro oráculos do profeta Isaías são profecias sobre o Messias-Mártir na figura do “Servo sofredor de Javé”: 1º) Is 42,1-4; 2º) Is 49,1-6; 3º) Is 50,4-9; 4º) Is 52,13-53,12. Esta figura do Messias-Mártir distingue-se de outras figuras do Antigo Testamento; Messias-Rei; Messias-Sacerdote; Messias-Profeta; Messias transcendente; Messias nacionalista.

Em espírito e verdade

A adoração de Deus é uma homenagem de louvor que se presta no culto religioso à divina Majestade. Jesus menciona o ato cultural da adoração quando dialoga com a mulher samaritana, e acrescenta duas ideias acessórias que servem como adjunto adnominal modificando-lhe a significação. Ora, em matéria de religião e liturgia, existem ritos e exercícios de piedade que não são meros gestos perfunctórios, mas são atos externos acompanhados de atos internos em uso na liturgia. É importante notar que os dois adjuntos adnominais, “em espírito e verdade”, explicitam a atitude de quem presta a homenagem de *adoração* na liturgia, incluindo-se duas condições prévias: primeiro, a disposição psicológica de recolhimento interior antes da oração e, segundo, o exercício da presença de Deus.

É preciso conscientizar-nos de que o encontro com Deus proporciona uma experiência espiritual. Tudo o que há no mundo sensível é incapaz de deslanchar-nos para outras esferas e fazer-nos distanciar do mundo. Condição indispensável para encurtar a distância e abrir-nos à dimensão espiritual é pela descoberta da experiência religiosa, entendida como *presença* vivida e *encontro* de comunhão com Deus. Daí que se pode chegar a Deus por qualquer caminho, pois a iniciativa é do próprio Deus de vir ao nosso encontro. Lembremo-nos de que a presença divina não é genérica, embora seu fundamento seja a doutrina da onipresença de Deus em toda parte, mas trata-se de sua presença atuante orientando a vontade, o intelecto, as afeições e os sentimentos. Quem se dispõe a acolher-se à presença divina estará em condições de nele ficarem impregnadas todas as dimensões conscientes e inconscientes, instintivas e volitivas, racionais e afetivas.

“Adoração de Deus em verdade” refere-se à autenticidade da prática cultural sem cair no *formalismo*, por causa da ausência do amor a Deus. Outrossim, a “verdade” implica também a valorização das faculdades superiores do ser humano (intelecto e vontade) na adesão existencial a Deus, na prática da fé e no culto comunitário que não se fundamentam em ideologias, nem tampouco em vivências de intimismo e de individualismo exagerado, em busca de compensação e gratificação sentimental. Cabe à reflexão teológica ajudar as pessoas a aprofundar o conhecimento de Deus de duas maneiras: com o *espírito* e o *coração*. Mas o que ultrapassa a ciência das coisas divinas e constitui sua expressão plena é a *piedade*, que eleva a alma para Deus e rende adoração à divina Majestade.

Para explicitar o modo de atuação da faculdade intelectual e volitiva do ser humano, acrescenta-se uma ideia acessória que serve como adjunto adnominal, modificando-lhe a significação. Este adjunto indica a qualidade da adoração prestada a Deus, correspondendo à natureza divina, como consta na revelação histórica da Bíblia, diferenciando-se da concepção cosmológica dos pagãos.

Distingue-se entre a *adoração* de Deus e a *veneração* que se costuma prestar aos anjos e santos, sem mescla com os rituais, os símbolos e as solenidades festivas em honra aos deuses pagãos. Nos atos culturais da Celebração Litúrgica, no Templo de Jerusalém, os israelitas costumavam tributar a homenagem a Deus, em atos internos e externos, reverenciando-o com gestos de piedade e adoração, ofertando os dons sagra-

dos. As formas litúrgicas pertencem à estrutura institucional da religião bíblica, que exprime a resposta humana à autorrevelação de Deus, tornando salvífico o diálogo divino-humano no seio da comunidade de fé. Devido às mediações participadas entre os fiéis, a celebração da liturgia se enriquece com os dons do Espírito, criando uma religião viva e despertando um dinamismo espiritual que leva a comunidade de fé a consolidar as duas colunas da religião bíblica: a *Eleição* divina e a *Aliança* sagrada.

Em decorrência da liturgia bíblica, cada geração se encaminha da vivência da fé e à luz da tradição religiosa para o discernimento de opções e programas de ação para a vida no mundo. Nesta acepção da “verdade”, muito mais está implicado do que a “verdade lógica”, ou até a “verdade ontológica”, porque transcende os parâmetros do pensamento humano, entrando em *comunhão* com o *pensamento divino*, pois nos dá a conhecer a Deus como Ele se revelou a si mesmo e, por esse meio, nos prepara para a visão beatífica.

Deus Salvador

A reflexão sobre a revelação de Deus é bem mais frutuosa se é despertada pela perspectiva teológica, que envereda pela “História da Salvação”, como é desenvolvida na Bíblia, e não se perde em especulações em meio à pluralidade de temas. É dentro da temática da *salvação divina* que o homem inicia a pesquisa sobre a natureza de Deus e sobre os caminhos que levam ao seu encontro. Era essa a pedagogia de Cristo no diálogo com a mulher samaritana ao explicar-lhe que o caminho para a presença de Deus passa pela religião de salvação: “a salvação vem dos judeus” (Jo 4,22). De fato, existem vários caminhos para o encontro com Deus, mas todos eles contam com a mediação humana que se expressa pela religião¹⁰.

Para começar, Jesus Cristo fala da presença de Deus que é adorado tanto pelos samaritanos, no Monte Garizim, como também pelos judeus, no templo de Jerusalém. São dois lugares do culto religioso, mas o autêntico rito litúrgico de adoração ao Deus Salvador se presta no templo de Jerusalém. O ponto crucial não é o rito religioso, senão o objeto do culto. Ora, entre os samaritanos existe o culto ao Deus intervencionista, que vem em auxílio dos fiéis quando suplicam a Ele na hora de aperto, ao passo que, entre os judeus, há a liturgia em honra a Deus comprometido com seu povo, por ser o Povo Eleito da “Aliança” sagrada. Isto não tem nada a ver com a ideia de um Deus intervencionista, no destino do mundo ou nas leis da natureza. Na verdade, os judeus prestam “adoração” a Deus, em reconhecimento pela “salvação” divina. Nas celebrações litúrgicas se manifesta o traço típico que consiste na evocação da intervenção sal-

9. Cf. J.M. Bochenski. Op. cit., cap. “A verdade”, p. 43-53; W. Brugger. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Herder, 1962, “Verdade; Critério de Verdade, Dupla Verdade, Verdades fundamentais”, p. 542-546.

10. Diversos tipos de religião: 1º) *religiões de integração* (povos primitivos, siberianos, ameríndios, indígenas brasileiros, oceânicos, australianos, africanos); 2º) *religiões de servidão* (Antigo Egito, Mesopotâmia, indo-europeus: celtas, eslavos, germanos, gregos, romanos, semitas: cananeus, antiga China, Japão, astecas, mayas, incas); 3º) *religiões de libertação* (de Mani, gnosticismo, antiga Índia, hinduísmo, budismo, jainismo, budismo chinês, budismo japonês, budismo tibetano, confucionismo); 4º) *religiões de salvação* (masdeísmo, de Israel, cristã, islamismo). Cf. W.O. Piazza. *Religiões da Humanidade*. São Paulo: Loyola, 2a. ed., 1991.

vífica de Deus em favor do seu povo, desde o início da História da Salvação, até o tempo atual, enquanto que entre os samaritanos se ressaltam as manifestações pomposas e folclóricas da religiosidade popular.

São dois os motivos fundamentais para Jesus dizer à mulher samaritana que a “salvação vem dos judeus”: primeiro, Deus se revelou aos judeus como Salvador atuando em favor do Povo Eleito, comprovando sua vontade salvífica na história, e, segundo, a obra de salvação é realizada pelo Mediador como Homem-Deus, que é Jesus Cristo, cuja cidadania judaica é conhecida de todos os habitantes de Israel.

Conclusão

A exposição de um texto do Evangelho sobre a liturgia de adoração a Deus, entre judeus e samaritanos, muito enriquece os cristãos, nos dias de hoje, no diálogo com as diferentes religiões, e constitui o horizonte da teologia pública dos Cursos de Teologia, como também dos Cursos de Ciências da Religião. A pergunta que se levanta é sobre os herdeiros da tradição religiosa do Antigo Testamento. A resposta tem que levar em consideração não apenas a preferência pessoal, com base na afinidade com os ideais que empolgam indivíduos ou grupos sociais. O ponto decisivo é o desafio de tornar relevante para todas as camadas sociais, de todas as épocas, o rico patrimônio do Povo Eleito, tal como a Igreja assumiu todo o conteúdo da revelação de Deus nos escritos do Antigo e Novo Testamento, formando assim o compêndio da autocomunicação divina e difundindo-a entre todos os povos.

Portanto, os herdeiros da tradição religiosa do Antigo Testamento não são os fariseus, os saduceus, os essênios, nem os samaritanos, mas sim os fiéis do Povo de Deus que, no cristianismo, têm a nobre tarefa de comunicar a todos a verdade salvífica e os dons divinos para toda a humanidade. Com isso se explicita também a função dos cristãos da comunidade de fé na transmissão do legado de fé do Antigo Testamento no sentido de eles não serem donos da verdade salvífica, mas depositários cuja tarefa é difundir esse patrimônio a toda a humanidade.

Luís Stadelmann
peluis@colegiocatarinense.g12.br